



O movimento dos estudantes secundaristas contra a reorganização escolar proposta pelo governo do estado de São Paulo (2015) à luz das teorias dos movimentos sociais: ciclo de protestos e repertórios

Eduardo Marangoni Canesin

Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

eduardomcanesin@gmail.com

(Área: G – Ciências Humanas)

Introdução

Este trabalho pretende analisar o movimento dos secundaristas de 2015, os quais se organizaram para protestar contra a reorganização escolar proposta pelo governo de São Paulo, à luz da bibliografia que estuda movimentos sociais.

Metodologia

A proposta de reorganização escolar da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo propunha dividir as escolas em ciclos, isto é, em “faixas de atendimento”. Os estudantes foram contrários à proposta. Depois de seis semanas de protestos diários por várias partes do estado, os estudantes decidiram mudar a tática: inspirados nas revoltas chilenas de 2011, optaram por adotar tal estratégia.

Como argumentam McAdam, Tarrow e Tilly (2009, p. 23), os movimentos sociais não costumam atuar de forma isolada. Em vez disso, ciclos de reivindicações acontecem, em que vários atores, em movimentos sociais distintos, fazem protestos mais ou menos na mesma época e adotando recursos semelhantes.

Tais recursos, chamados de repertórios por Tilly, são os elementos que podem ser mobilizados em um protesto dentro de dada sociedade e período histórico. Como argumenta Bringel (2012, p. 46), há um número limitado de ações possíveis que são utilizadas: a cada protesto, os atores se valem da tática que mais se adequar a sua proposta, mas tais táticas já estão disponíveis socialmente, tendo sido utilizadas em outros momentos. É claro que, vez por outra, novos modos de agir são adotados, mas as inovações são raras e, quando surgem, costumam ser reprimidas severamente pelas autoridades, só depois sendo incorporados na práxis dos movimentos sociais.

Resultados

No que se refere ao conceito de ciclo de protestos e reivindicações, salta aos olhos a continuidade que tal movimento teve com as atuações do Movimento Passe Livre (MPL). Isso se dá tanto pela participação de alguns agentes em ambos os movimentos quanto pela derrota do governo nas duas ocasiões e pela estética adotada nos protestos.

Aqui, vale ressaltar que junho de 2013 abriu um ciclo de protestos no país. Tal ciclo, contudo, já tinha se aberto, numa perspectiva global, poucos anos antes, com os protestos nos EUA (Occupy Wall Street), na esteira da crise econômica de 2009 (CARNEIRO, 2012), na Grécia, Espanha e nos países da Primavera Árabe. Mas, para ficarmos circunscritos ao panorama nacional, junho de 2013 foi um marco, pois, a partir desta data, diversos protestos começaram a ganhar relevância - e em todo o espectro político.

No que tange aos repertórios, o uso das ocupações foi inspirado na prática chilena e incorporada ao contexto brasileiro. E, posteriormente, foi adotada em outros momentos, como nos protestos contra a Máfia da Merenda, PEC dos gastos públicos ou Reforma do Ensino Médio.

Conclusões

Os estudantes secundaristas que se uniram contra a proposta de reorganização escolar (2015) eram mais do que atores isolados contra uma pauta comum – tratá-los como atores isolados seria enfraquecer o potencial da análise. Acreditamos que tais jovens podem ser vistos como um movimento social, a despeito de elementos como uma organização horizontal e sem líderes: podem não ser institucionalizados, mas isso não significa que não sejam um movimento social, tampouco que não tenham uma organização – e a forma como se mobilizaram e agiram prova essa organização, com centenas de escolas ocupadas, redes de apoio, passeatas e outros recursos. Percebemos, ademais, a importância dos meios eletrônicos nos movimentos sociais contemporâneos, permitindo a comunicação e o engajamento, com uma rede de difusão de conteúdos (o que permitiria mobilização e interação em tempo real e conversas com o público de modo mais amplo, sem depender da mediação de um veículo de imprensa).

Bibliografia

- BRINGEL, Breno. Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 43-67, 2012
- CANESIN, Eduardo M. **Comunicação e esfera pública**: análise da cobertura do jornal *Folha de S.Paulo* (versão online) sobre a reorganização escolar (2015) e as ocupações secundaristas. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018
- CAMPOS, Antônia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de Luta**. São Paulo: Veneta, 2016
- CARNEIRO, Henrique S. Apresentação: Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012
- McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p. 11-48, 2009.